

LONELY ARE THE BRAVE / 1962  
(*Fuga Sem Rumor*)

*Um filme de David Miller*

*Realização:* David Miller / *Argumento:* Dalton Trumbo baseado num livro de Edward Abbey intitulado *The Brave Cowboy* / *Produção:* Edward Lewis e Kirk Douglas (não creditado) / *Montagem:* Leon Barsha / *Direção de Fotografia:* Philip H. Lathrop / *Música:* Jerry Goldsmith / *Direção Artística:* Alexander Golitzen e Robert Smith / *Som:* Waldon O. Watson e Frank H. Wilkinson / *Interpretações:* Kirk Douglas (John W. “Jack” Burns), Gena Rowlands (Jerry Bondi), Walter Matthau (Sheriff Morey Johnson), Michael Kane (Paul Bondi), Carroll O’Connor (Hinton), William Schallert (Harry), George Kennedy (Deputy Sheriff Gutierrez), Karl Swenson (Rev. Hoskins), William Mims (First Deputy Arraigning Burns) / *Cópia:* DCP, a preto-e-branco, falado em inglês, com legendas em castelhano e legendas eletrônicas em português / *Duração:* 107 minutos / *Estreia Mundial:* 26 de abril de 1962, Londres, Reino Unido / *Estreia Nacional:* 22 de fevereiro de 1963, Condes e Roma, Lisboa

\*\*\*

Como nota Jacques Lourcelles na crítica que fez ao filme (publicada no seu *Dictionnaire du cinéma - les films*), este pequeno e elegíaco filme sobre um *cowboy* fora do tempo, em luta para se manter fiel aos seus ideais de vida numa sociedade sufocada por regras, pela tecnologia e pelo consumo, é uma ode ao “individualismo e à necessidade instintiva e irreprímível de liberdade”. Ao mesmo tempo, toda a travessia “along the great divide”, para citar outro *western* com Douglas mas realizado por Raoul Walsh, deve-se a “amarras” sentimentais tudo menos simples e não facilmente descartáveis. O nosso herói vai vivendo essa liberdade quanto basta na companhia da sua égua, Whiskey, num faroeste que se deixou invadir por veículos motorizados de toda a espécie, poluindo a paisagem tanto por terra como pelos céus.

Jack Burns é um *westerner* sem pouso certo, um herói *eco-friendly* dos ou para os nossos dias, ainda que o filme de Miller – pouco ou nada retórico – esteja repleto de despedidas sentimentais: o encontro com Jerry Bondi (Gena Rowlands) aparece já com a marca de um adeus, tal como sabe a um “até sempre” a fuga da prisão esperando, sem sucesso, a companhia de Paul (Michael Kane), marido de Jerry, um amigo fraterno que enfrenta uma pena de dois anos de prisão por ter auxiliado mexicanos a atravessar a fronteira. Mais à frente, Burns cria uma relação invisível, pese embora das mais belas e profundas do filme, com quem o persegue, o xerife Morey Johnson, interpretado brilhantemente por Walter Matthau. E há ainda – convém lembrar – a história de amor entre Burns e a sua égua, Whiskey, talvez o principal motivo inspirador para um *western* crepuscular realizado quase duas décadas depois, **The Electric Horseman** (1979) de Sydney Pollack, com Robert Redford no papel do *cowboy* deslocado no tempo. Resumindo e concluindo, não é por este *cowboy* surgir livre de tudo aquilo que nos prende a uma sociedade cada vez mais burocratizada e tiranizada pela tecnologia que este seja um herói frio e egoísta, bem pelo contrário. Aliás, este individualismo de base humanista está bem patente desde logo no belíssimo título dado ao filme: a bravura não radica na solidão propriamente dita, *per se*, ainda que a solidão ou a independência deste homem seja condição da sua coragem e do seu exemplo.

Sem falsos saudosismos, o filme de David Miller, com argumento de Dalton Trumbo, procura resgatar alguns valores que se arriscam a cair em desuso. E quando se diz valores, diz-se gestos, ações, palavras, e uma certa maneira de habitar e percorrer a grande paisagem americana (a ação desenrola-se nas impressionantes Sangre Mountains, no Novo México). Numa crítica relativamente recente publicada na *Positif*, intitulada «Seuls sont les indomptés: une modernité désenchantée» (novembro de 2014), Pascal Binétruy situa este filme na história do cinema, algures entre um tempo ainda glorioso do *western* e o *last hurrah* do género, presente não só neste **Lonely Are the Brave** como também nos contemporâneos **The Misfits** (1961) de John Huston e **Ride the High Country** (1962) de Sam Peckinpah, realizador que iria dar ao género toda uma nova roupagem, cortando de vez com – em certa medida, *desfigurando* – a visão

romântica do faroeste que associamos ao cinema de um John Ford ou de um Howard Hawks.

A verdade é que grande parte do culto em torno deste filme se deve muito ao seu *leading man*, para quem **Lonely Are the Brave** foi sempre visto como o pináculo da carreira e, contudo, também é dos seus papéis mais minimais, como se fosse Kirk Douglas a combater Kirk Douglas ou a típica imagem do herói ferido ou assanhado de tantos e tantos filmes. Seguindo a sugestão dada pelo texto de Binétruy e pela crítica de Lourcelles, também se pode dizer que Douglas viu neste filme a oportunidade de continuar a história do protagonista que encarnou em **Man Without a Star** (1955) de King Vidor (realizador que soube levar ao paroxismo esse tal romantismo do *western*), *cowboy* itinerante que tem horror ao arame farpado, ou seja, a tudo aquilo que divide, circunscreve ou limita o território. Jack Burns é o último avatar da possibilidade de uma vida nómada levada em perfeita comunhão com a paisagem, mas nem por isso descartando valores fundamentais que “fazem de um homem um homem”, tais como a lealdade e o amor.

Douglas ter-se-á envolvido na produção do filme, influenciando decisivamente vários aspectos ligados à caracterização da sua personagem e até, diz-se, “realizando” na sombra do cineasta escolhido. Uma escolha que se afigurou muito, digamos assim, conveniente. David Miller era o realizador certo, terá pensado Kirk Douglas, por ser fundamentalmente um “actor’s director”, um competente mas pouco impositivo faz-tudo da Hollywood clássica, que se iniciara como montador ao serviço dos estúdios da Columbia e que, desde o início dos anos 40 do século passado, passara para a realização sem seguir um rumo muito certo – um pouco como o nosso herói Jack Burns –, ainda que – ao contrário de Burns – não tenha deixado uma marca identificável nos vários géneros que experimentou.

Miller realizou comédias – por exemplo, a última dos irmãos Marx –, dramas – um *remake* de **The Women** (1939) de George Cukor – e acertou em cheio quando decidiu embarcar no projeto de um *film noir* chefiado pela atriz Joan Crawford – **Sudden Fear** (1953), talvez o título de Miller a redescobrir mais urgentemente depois deste **Lonely Are the Brave**. Por sua vez, Douglas renova aqui a colaboração com o argumentista – outrora perseguido, *along the great divide*, pela comissão de McCarthy – Dalton Trumbo, pouco tempo depois de **Spartacus** (1960), outra obra que Douglas realizou “na sombra”, ainda que escudado por um cineasta bem menos influenciável que David Miller, Stanley Kubrick. Já agora: Miller voltaria a trabalhar com Trumbo no surpreendentemente seco *thriller* conspirativo **Executive Action** (1973), obra que procura defender a tese de “inside job” no assassinio de JFK e que, mais uma vez na carreira de Miller, é liderada por um elenco de luxo, onde se destacam os nomes de Burt Lancaster e Robert Ryan. Enfim, a sensação com que se fica ao olhar para a carreira de David Miller é que esta esteve – ou, pondo de outra maneira, quase sempre *soube estar* – ao serviço de importantes colaborações, ora vindas das suas *stars*, ora vindas de algum argumento ou “premissa” promissora.

Num número curioso da revista *Action* (n.º 3, maio-junho de 1976), em que vários realizadores foram convidados a escolher o seu filme favorito de entre aqueles que realizaram, David Miller parece não hesitar minimamente e aponta **Lonely Are the Brave** como “a realização da fantasia de um realizador”, acrescentando: “O modo como este *cowboy* solitário com apenas uma espingarda e a cavalo enganou toda uma moderna força policial equipada com metralhadoras, rádios e helicópteros faz de **Lonely Are the Brave** a minha fantasia favorita.” Não deixa de ser curiosa a escolha destas palavras, sobretudo o facto de ver neste filme a possibilidade de uma “fantasia”, como Miller diz. De facto, há um lado fantástico na proeza final de Jack Burns e Whiskey, ainda que, qual grande parábola sobre o fim de uma certa concepção de homem e de herói, tudo acabe de forma inglória, com o *cowboy* levado numa maca após um atropelamento aparatoso ocorrido “em cima da meta”. Caído, magoado, atordoado, quase irreconhecível e, finalmente, privado para sempre da companheira de uma vida, Whiskey. E já sem o item que serve de metonímia a todo esse género filmico e matéria humana em vias de extinção: o chapéu de vaqueiro. O “The End” doloroso aparece nessa imagem de máximo abandono: lá está ele, o chapéu de Burns, caído e esquecido sobre o alcatrão de uma via rápida. Os carros passam e sabemos que ninguém o irá reclamar.